

ALFAGUARA

# Charles Bukowski

## Histórias de loucura normal



Tradução de Vasco Gato

# Índice

Uma .45 para pagar a renda	9
A cumprir pena com o inimigo público n.º 1	19
Cenas dos tempos áureos	27
A ala dos malucos a leste de Hollywood	33
Recomendaria a escrita como profissão?	54
O grande casamento zen	71
Reencontro	91
Cona e Kant e um lar feliz	99
Adeus, Watson	110
Os grandes poetas morrem em fumegantes tachos de merda	118
A minha estadia no chalé dos poetas	126
Os cristos estúpidos	135
Demasiado sensível	151
Violação! Violação!	158
Uma cidade maléfica	166
É amar ou largar	173
Um dólar e 20 cêntimos	182
Sem meias	186
Uma conversa tranquila	196

Cerveja e poetas e conversa	205
Matei um homem em Reno	211
Uma chuvada de mulheres	223
Nocturnas ruas da loucura	232
Roxo como um lírio	244
Olhos como o céu	253
Um para o Walter Lowenfels	261
Apontamentos de um potencial suicida	271
Apontamentos sobre o chato	279
Uma má tripe	288
Bolachas com animais na minha sopa	294
Um tipo popular	314
A nata dos cavalos	321
O grande jogo da erva	329
O cobertor	335

## Uma .45 para pagar a renda

o Duke tinha uma filha, Lala de seu nome e 4 anos de idade. era o seu primeiro filho, ele que sempre tivera cuidado para não ter filhos, receando que viessem a assassiná-lo, mas o Duke agora estava maluco e ela encantava-o, sabia tudo aquilo em que ele estava a pensar, havia um fio que ia dela até ele, dele até ela.

o Duke estava no supermercado com a Lala e falavam para cá e para lá, dizendo coisas. conversavam sobre tudo e ela dizia-lhe tudo o que sabia, e sabia muita coisa, instintivamente, e o Duke não sabia grande coisa mas dizia-lhe o que podia, e funcionava. eram felizes juntos.

— o que é aquilo? — perguntava ela.

— aquilo é um coco.

— o que é que tem lá dentro?

— leite e uma substância dura.

— porque é que está lá dentro?

— porque sabe-lhe bem estar lá dentro, no meio daquele leite todo e daquela substância dura, sabe-lhe bem estar no interior daquela casca. diz o coco a si mesmo: «ah, que bem que sabe estar aqui dentro.»

— porque é que lhe sabe bem estar lá dentro?

— porque é o que aconteceria a qualquer coisa. a mim saber-me-ia bem.

— não saberia nada. não serias capaz de conduzir o teu carro de lá de dentro, não serias capaz de me ver de lá de dentro. não serias capaz de comer ovos com *bacon* de lá de dentro.

— ovos com *bacon* não é tudo.

— o que é tudo?

— sei lá. talvez o interior do sol, todo congelado.

— o INTERIOR do SOL...? TODO CONGELADO?

— sim.

— como é que seria o interior do sol se ele estivesse todo congelado?

— o sol é supostamente uma bola de fogo. julgo que os cientistas não concordariam comigo, mas parece-me que deve ser assim.

o Duke pegou num abacate.

— uau!

— sim, o abacate é isso mesmo: um sol congelado. comemos o sol e depois andamos por aí todos refastelados.

— e o sol está em toda aquela cerveja que tu bebes?

— sim, está.

— e o sol está dentro de mim?

— mais do que em qualquer outra pessoa que eu conheça.

— eu cá acho que tu tens um GRANDE SOL dentro de ti!

— obrigado, minha querida.

deram umas voltas e acabaram de fazer as compras. o Duke não escolheu nada. foi a Lala quem encheu o cesto com tudo o que quis. certas coisas não davam para comer: balões, lápis, uma arma de brincar. um astronauta com um pára-quadras que lhe saía das costas quando o lançávamos ao céu. um astronauta do caraças.

a Lala não gostou da senhora da caixa. fez uma valente careta à senhora da caixa. pobre mulher: a cara dela tinha

sido escavada e esvaziada — era uma cena de horror sem sequer saber que o era.

— olá, minha linda! — disse a senhora da caixa.

a Lala não respondeu. o Duke não a incitou a fazê-lo. pagaram o que deviam e foram para o carro.

— eles ficam com o nosso dinheiro — disse a Lala.

— pois ficam.

— e depois tu tens de ir trabalhar à noite para fazer mais dinheiro. não gosto que tenhas de sair durante a noite. apetece-me brincar à mamã. quero ser a mamã e que tu sejas o bebé.

— está bem, vou fazer de bebé. o que dizes, mamã?

— então, bebé, és capaz de conduzir o carro?

— posso tentar.

e meteram-se no carro e arrancaram. um cabrão qualquer carregou no acelerador e tentou abalroá-los quando viraram à esquerda.

— bebé, porque é que as pessoas tentam acertar-nos com os carros?

— olha, mamã, porque são infelizes e as pessoas infelizes gostam de fazer mal.

— e não há pessoas felizes?

— há muitas pessoas que fingem ser felizes.

— porquê?

— porque têm vergonha e medo e não têm coragem de admitir.

— tu tens medo?

— eu só tenho coragem de o admitir à tua frente, tenho tanto medo, mamã, que acho que vou morrer a qualquer momento.

— bebé, queres o biberão?

— sim, mamã, mas é melhor esperarmos até chegar a casa.

lá foram andando, viraram na Normandie. era mais difícil que alguém lhes acertasse quando viravam à direita.

— vais trabalhar esta noite, bebé?

— vou.

— porque é que trabalhas à noite?

— está mais escuro. as pessoas não conseguem ver-me.

— porque é que queres que as pessoas não te vejam?

— porque se me virem eu posso ser apanhado e ir parar à prisão.

— o que é uma prisão?

— tudo é uma prisão.

— eu NÃO SOU uma prisão!

estacionaram e levaram as compras para dentro.

— mamã — disse a Lala —, fomos às compras! trouxemos sóis congelados, *astronautas* e tudo!

— ainda bem — disse a mamã (a quem chamavam «Mag»), virando-se para o Duke. — caraças, quem me dera que não tivesses de sair esta noite. estou com um pressentimento. não vás, Duke.

— estás com *um* pressentimento? querida, esse pressentimento tenho eu sempre. faz parte. tenho de ir. estamos nas lonas. a miúda meteu tudo no cesto, desde fiambre em lata até caviar.

— e não és capaz de controlar a miúda, caraças?

— quero que ela seja feliz.

— ela não há-de ser feliz se estiveres na pildra.

— ouve lá, Mag, na minha profissão um tipo tem de contar com um certo tempo na choça. não vale a pena andar com o credo na boca. é o que é. já estive preso algum tempo. tive mais sorte que a maioria.

— e que tal um trabalho honesto?

— é melhor que trabalhar com uma prensa. e não há trabalhos honestos. morremos de qualquer modo. e eu já estou a seguir o meu caminho: sou assim uma espécie de dentista, que arranca dentes à sociedade. é a única coisa que sei fazer. já é tarde. e tu sabes como são tratados os ex-reclusos. sabes bem o que nos fazem, eu já te contei, eu...

— eu *sei* o que tu me contaste, mas...

— mas mas mass massss! — disse o Duke. — porra, deixa-me terminar!

— termina lá então.

— aqueles escravos industriais de merda que vivem em Beverly Hills e em Malibu. esses tipos especializaram-se na «reabilitação» de reclusos e ex-reclusos. o que faz com que a treta da liberdade condicional cheire a rosas. é um embuste. trabalho escravo. as comissões de liberdade condicional sabem disso, eles sabem disso, nós sabemos disso. poupar dinheiro ao estado, dar dinheiro a outra pessoa qualquer. é treta. uma treta pegada. tudo. fazem-nos trabalhar três vezes mais que um trabalhador normal ao mesmo tempo que roubam a toda a gente dentro da legalidade: vendem porcarias por dez ou vinte vezes o seu valor real. mas está dentro da legalidade, da legalidade *deles*...

— raios partam, já ouvi essa história tantas vezes...

— e raios me partam se não a vais ouvir **OUTRA VEZ!** achas que não vejo nem sinto? achas que devia andar calado? também com a minha mulher? és minha mulher, não és? não fodemos? não vivemos juntos?

— *tu* é que fizeste merda. e agora estás para aí a choramingar.

— vai-te foder! eu cometi um erro, um erro técnico! era novo; não percebia as regras desses bandalhos...

— e agora estás a tentar justificar a tua idiotice!



— eh lá, essa é boa! GOSTO disso. mulherzinha. sua vaca. sua vaca. não passas de uma vaca esparramada nos degraus da casa branca, toda aberta, e mentalmente sifilítica...

— a miúda está a ouvir, Duke.

— óptimo. e vou terminar. sua vaca. REABILITAR. a palavra é essa, chupistas da alma lá de Beverly Hills. são tão decentes e HUMANOS. as mulheres ouvem Mahler na Casa da Música e fazem donativos para beneficência, isentos de impostos. e são eleitas as dez melhores mulheres do ano pelo *LA Times*, e sabes o que é que os MARIDOS nos fazem? insultam-nos como cães lá naquela fábrica manhosa. reduzem-nos o salário, metem a diferença ao bolso e não respondem a perguntas. é tudo uma treta do camandro, será que ninguém repara? será que ninguém REPARA?

— eu...

— CALUDA! Mahler, Beethoven, STRAVINSKI! fazem-nos trabalhar horas extraordinárias para nada. passam a porra da vida a lixar-nos o canastro. e basta dizermos UMA palavra para se porem ao telefone com o agente da condicional: «Lamento imenso, Jensen, mas tenho de lhe dizer uma coisa, o seu tipo roubou 25 dólares da registadora. até estávamos a começar a gostar dele.»

— mas então que tipo de justiça é que tu queres? caraças, Duke, já não sei o que fazer. só barafustas e barafustas. embebedas-te e vens-me dizer que o Dillinger foi o melhor homem à face da terra. balouças-te na tua cadeira de balanço, enfrascado, e pões-te a gritar Dillinger. eu também estou viva. ouve-me...

— o Dillinger que se foda! está morto. justiça? não há justiça nos Estados Unidos. só há *uma* justiça. pergunta aos Kennedy, pergunta aos mortos, pergunta a qualquer pessoa!

o Duke levantou-se da cadeira de balanço, foi até ao armário, vasculhou por baixo da caixa de enfeites de Natal e pegou na fusca. uma .45.

— isto, isto. isto é a única justiça que há nos Estados Unidos. isto é a *única* coisa que as pessoas percebem.

e ia esbracejando com aquela porra.

a Lala estava a brincar com o astronauta. o pára-  
-quedas não abria como devia. claro: uma vigarice. mais  
uma vigarice. como a gaivota inexpressiva. como a esfero-  
gráfica. como Cristo a berrar ao Paizinho com as linhas  
cortadas.

— olha — disse a Mag —, guarda lá essa parvoíce.  
*eu* vou arranjar trabalho. deixa-me arranjar trabalho.

— TU vais arranjar trabalho! há quanto tempo ando  
a ouvir isso? tu só serves é para foder, para nada, e andar  
por aí a ler revistas e a enfiar chocolates nessa boca.

— caraças, não é para nada: eu AMO-TE, Duke, a sério.  
ele fartou-se.

— pronto, está bem. então pelo menos guarda as  
compras. e cozinha-me qualquer coisa para comer antes  
de me fazer à estrada.

o Duke guardou outra vez a fusca no armário. sen-  
tou-se e acendeu um cigarro.

— Duke — perguntou a Lala —, preferes que te  
chame Duke ou papá?

— como queiras, amorzinho. o que te apetecer.

— porque é que os cocos têm pêlo?

— eh pá, sei lá. porque é que os meus tomates têm  
pêlo?

a Mag apareceu da cozinha com uma lata de ervilhas  
na mão.

— não permito que fales assim com a minha filha.

— com a *tua* filha? estás a ver aquela boca pedinchona que ela tem? igualzinha à minha. estás a ver aqueles olhos? estás a ver aquelas tripas? iguaizinhas às minhas. a tua filha... lá porque te saiu da pachacha e te chupou as tetas. ela não é filha de ninguém. ela é filha dela mesma.

— *insisto* — disse a Mag — que não fales dessa maneira à frente da miúda!

— tu insistes... tu insistes...

— sim, insisto! — disse ela, segurando a lata de ervilhas no ar, equilibrada na palma da mão esquerda. — insisto.

— eu juro que, se não me tiras essa lata de ervilhas da frente, valha-me Deus ou lá o que for, ENFIO-TAS PELO CU ACIMA DE DENVER ATÉ ALBUQUERQUE!

a Mag foi para a cozinha com as ervilhas. e na cozinha ficou.

o Duke foi ao armário buscar o casaco e a fusca. despediu-se da filha com um beijo. ela era mais adorável que um bronzado de Dezembro e 6 cavalos brancos a correr numa colina verde. era esse o seu pensamento; começou a sentir-se afectado. pisgou-se à pressa. mas fechou a porta com cuidado.

a Mag saiu da cozinha.

— o Duke foi-se embora — disse a miúda.

— sim, eu sei.

— estou a ficar com sono, mamã. lê-me uma história. sentaram-se as duas no sofá.

— o Duke vai voltar, mamã?

— sim, o filho da puta há-de voltar.

— o que é um filho da puta?

— é o Duke. eu amo-o.

— amas um filho da puta?

— sim — riu-se a Mag. — sim, chega aqui, minha querida. põe-te no meu colo.

ela abraçou a miúda.

— ah, estás tão quentinha, pareces *bacon* quente, donuts quentes!

— eu NÃO SOU *bacon* nenhum nem DONUTS nenhuns! TU é que és *bacon* e donuts!

— está lua cheia esta noite. é luz a mais, é luz a mais. tenho medo, tenho medo. caraças, eu amo aquele tipo, caraças...

a Mag meteu a mão numa caixa de cartão e tirou um livro infantil.

— mamã, porque é que os cocos têm pêlo?

— os cocos têm pêlo?

— sim.

— olha, eu pus café ao lume. estou a ouvir o café a ferver. deixa-me ir apagar o fogão.

— está bem.

a Mag foi à cozinha e a Lala ficou sentada no sofá à espera.

enquanto isso, o Duke estava à porta de uma garrafeira situada no cruzamento da Hollywood com a Normandie, a interrogar-se: mas que raio mas que raio mas que raio.

aquilo não estava com boa cara, não estava a cheirar bem. talvez nos fundos estivesse um cabrão com uma Luger, a espreitar por um buraco. foi assim que apanharam o Louie. rebentaram com ele como se fosse um pato de barro na feira popular. homicídio em legítima defesa. este mundo de merda está mergulhado na treta do homicídio em legítima defesa.

aquele sítio não estava com boa cara. talvez um barzeco esta noite. um tугúrio de mariconços. algo que fosse fácil. dinheiro que chegasse para um mês de renda.

ando a perder a coragem, pensou o Duke. daqui a nada fico sentado a ouvir Shostakovitch.

meteu-se outra vez no Ford preto de 61.

e começou a dirigir-se para norte. 3 quarteirões. 4 quarteirões. 6 quarteirões. 12 quarteirões pelo gelo adentro. ao mesmo tempo que a Mag estava sentada com a miúda ao colo e começava a ler-lhe um livro, a VIDA NA FLORESTA...

— a doninha e os seus primos, o texugo, a marta e o furão são bichos ágeis, rápidos e selvagens. são carnívoros e andam em constante e sanguinária luta por...

às tantas, a linda criança adormeceu e a lua estava cheia.

## A cumprir pena com o inimigo público n.º 1

estava a ouvir Brahms em Filadélfia, em 1942. tinha um pequeno gira-discos. era o 2.º andamento de Brahms. eu vivia sozinho nessa época. estava a beber devagar uma garrafa de Porto e a fumar um charuto ranhoso. estava numa salinha asseada. como se costuma dizer: bateram à porta. pensei que seria alguém para me vir entregar o Prémio Nobel ou o Pulitzer. dois matulões com ar de campónios.

Bukowski?

sim.

mostraram-me um distintivo: **FBI**.

venha connosco. é melhor vestir um casaco. vai-se ausentar por um tempo.

eu não fazia ideia do que teria feito. nem perguntei. achava que tudo estaria de qualquer forma perdido. um deles desligou o Brahms. descemos e saímos para a rua. havia cabeças fora das janelas como se toda a gente soubesse.

depois, a voz feminina e eterna: ah, lá vai aquele homem horrível! apanharam-no!

não consigo atinar com as senhoras.

não parava de pensar no que teria feito e a única coisa de que me lembrava era que tinha assassinado uma pessoa durante uma bebedeira. embora não percebesse o motivo do envolvimento do **FBI**.

ponha uma mão em cada joelho e não mexa as mãos!  
iam 2 tipos no banco da frente e 2 no de trás, pelo que calculei que teria assassinado alguém, uma pessoa importante.

lá fomos, e às tantas esqueci-me e levantei o braço para coçar o nariz.

**CUIDADO AÍ COM A MÃO!!**

quando chegámos ao escritório um dos agentes apontou para uma fila de fotografias que se estendiam pelas 4 paredes.

está a ver aquelas fotografias?, perguntou ele com severidade.

eu olhei para as fotografias à minha volta, estavam impecavelmente emolduradas embora nenhuma das caras me dissesse fosse o que fosse.

sim, estou a ver as fotografias, disse-lhe eu.

são homens que foram mortos ao serviço do FBI.

como não sabia o que esperaria ele que eu dissesse, não disse nada.

levaram-me para outra sala, estava um tipo sentado a uma secretária.

**ONDE ESTÁ O SEU TIO JOHN?**, berrou-me ele.

o quê?, perguntei eu.

**ONDE ESTÁ O SEU TIO JOHN?**

eu não sabia a que é que ele se referia. por instantes, pensei que ele achasse que eu andava com uma espécie de ferramenta secreta com a qual matava pessoas quando bêbedo. sentia-me nervoso e nada fazia sentido.

refiro-me ao **JOHN BUKOWSKI!**

ah, já morreu.

merda, não **ADMIRA** que não o encontremos!

levaram-me para uma cela amarelo-alaranjada. era sábado à tarde. da janela da cela eu via as pessoas a passear.

que sorte a delas! do outro lado da rua havia uma loja de discos. um microfone emitia música na minha direcção. tudo parecia tão livre e fácil lá fora. fiquei para ali a tentar descobrir o que teria eu feito. apetecia-me chorar mas não saiu nada. era apenas uma espécie de náusea triste, uma tristeza brutal, quando é impossível sentirmo-nos pior. julgo que já vos terá acontecido. julgo que já terá acontecido a toda a gente uma ou outra vez. mas julgo que me tem acontecido com muita frequência, demasiada frequência.

a Prisão de Moyamensing fazia-me lembrar um velho castelo. 2 grandes portões de madeira escancararam-se para me deixar entrar. espanta-me que não nos tenhamos cruzado com um fosso.

trancaram-me com um gordo que parecia um contabilista.

sou o Courtney Taylor, o inimigo público n.º 1, disse-me ele.

foste preso porquê?, perguntou.

(eu já sabia pois tinha perguntado a caminho da choldra.)

falta ao recrutamento.

há 2 coisas que não suportamos por cá: refractários e exibicionistas.

honra entre ladrões, há? manter o país forte para poder roubá-lo.

continuamos a não gostar de refractários.

na verdade, estou inocente. mudei de casa e esqueci-me de comunicar a nova morada à comissão de recrutamento. avisei os correios. recebi uma carta de St. Louis aqui nesta cidade a pedir para me apresentar na inspecção. disse-lhes que não conseguia ir a St. Louis, que me fizessem a inspecção cá. aliciaram-me e espetaram-me aqui dentro.



não consigo perceber: se eu estivesse a tentar faltar ao recrutamento, não lhes teria dado a minha morada.

vocês são todos inocentes. a mim soa-me a treta.  
estendi-me na tarimba.

apareceu um guarda.

**LEVANTA-ME ESSE CU!**, berrou-me ele.

eu levantei o meu cu refractário.

queres matar-te?, perguntou-me o Taylor.

quero, disse eu.

puxa aquele tubo ali no tecto que segura o candeeiro da cela. enche aquele balde de água e mete lá o pé. tira a lâmpada e enfia o dedo no casquilho. e lá vais tu.

fiquei a olhar demoradamente para o candeeiro.

obrigado, Taylor, és muito prestável.

quando as luzes se apagaram deitei-me e eles começaram a atacar. os carrapatos.

mas que porra é esta?, gritei eu.

carrapatos, disse o Taylor. temos cá carrapatos.

aposto que tenho mais carrapatos do que tu, disse eu.

aposta lá.

dez cêntimos?

dez cêntimos.

comecei a catar e a matar os meus. ia espalhando-os na mesinha de madeira.

por fim, dissemos acabou. levámos os carrapatos até à porta da cela onde havia luz e contámo-los. eu tinha 13. ele tinha 18. dei-lhe a moeda. só mais tarde vim a descobrir que ele partia os dele ao meio e que os esticava. o tipo tinha sido vigarista. um verdadeiro profissional. filho da mãe.

eu estava com a mão quente a jogar aos dados no pátio. ganhava dia atrás de dia e estava a ficar rico. riqueza

prisonal. sacava entre 15 e 20 dólares por dia. os dados eram ilegais e os tipos apontavam-nos as submetralhadoras do alto das torres e vociferavam **PAREM COM ISSO!** mas conseguíamos sempre pôr um jogo novamente a andar. tinha sido um exibicionista a fazer entrar os dados à socapa. era um exibicionista do qual eu não gostava. aliás, não gostava de nenhum. tinham todos queixos fracos, olhos lacrimejantes, nádegas pequenas, modos viscosos. 1/10 de gente. não tinham a culpa, suponho, mas eu não gostava de olhar para eles. este aparecia sempre a seguir a cada jogo. estás com a mão quente, estás a sacar à grande, deixa um bocadinho para mim. eu punha-lhe umas moedas na mão branca e ele pirava-se, macaco de um cabrão, a sonhar com mostrar o caralho a miudinhas de 3 anos. eu esforçava-me ao máximo para não lhe bater, mas íamos parar à solitária se batêssemos em alguém, e o buraco era deprimente mas o pão e a água eram piores. eu via-os a sair de lá e precisavam de um mês para recuperar o aspecto anterior. mas éramos todos uns anormais. eu era um anormal. eu era um anormal. era demasiado duro com ele. se não olhasse para ele, conseguia ser racional.

eu estava rico. o cozinheiro descia depois de apagadas as luzes com pratos de comida, comida da boa e em barda, gelado, bolo, tarte, bom café. o Taylor disse-me para nunca lhe dar mais de 15 cêntimos, era esse o máximo. o cozinheiro sussurrava um agradecimento e perguntava se deveria regressar na noite seguinte.

sem dúvida, dizia-lhe eu.

aquela era a comida que o director comia e era óbvio que o director comia bem. os prisioneiros andavam todos esfomeados e eu e o Taylor passeávamos como se fôssemos 2 mulheres aos 9 meses de gravidez.

o tipo é bom cozinheiro, dizia o Taylor. assassinou 2 tipos. matou um tipo e depois de sair matou logo outro. está cá para ficar, a menos que consiga fugir. apanhou um marinheiro aí uma noite e aviou-lhe o rabo. escavacou o marinheiro todo. o marinheiro ficou uma semana sem conseguir andar.

gosto do cozinheiro, disse eu, acho que é um tipo porreiro.

é um tipo porreiro, concordou o Taylor.

não parávamos de nos queixar dos carrapatos ao guarda e o guarda vociferava-nos:

**O QUE É QUE ACHAM QUE ISTO É? UM HOTEL? VOCÊS É QUE TROUXERAM ESSAS MERDAS CONVOSCO!**

o que, naturalmente, considerávamos um insulto.

os guardas eram maus os guardas eram estúpidos e os guardas estavam assustados. eu tinha pena deles.

lá acabaram por me colocar e ao Taylor em celas separadas e fumigaram a cela.

encontrei o Taylor no pátio.

apanhei um puto, disse o Taylor, um puto tenrinho, parvo, não sabe nada. terrível.

apanhei um velhote que não sabia falar inglês e que ficava sentado o dia todo no penico a dizer, **TARA BUBBA COME, TARA BUBBA CAGA!** o gajo dizia isto vezes sem conta. tinha a vida feita: comer e cagar. acho que ele se referia a uma figura mitológica lá da terra dele. ah, talvez o Tarus Bulba? não sei. o velhote arrancou-me o lençol da cama da primeira vez que fomos para o pátio e fez um estendal com o lençol; pendurava as meias e as cuecas naquela treta e quando eu entrava tudo aquilo me pingava em cima. o velhote nunca saía da cela, nem sequer para o duche. não tinha cometido nenhum crime, diziam eles, queria

simplesmente ficar por lá e eles deixavam-no. um acto de generosidade? eu irritava-me com ele porque não gosto de ter cobertores de lá a roçar-me na pele. tenho uma pele muito delicada.

seu caralho, gritava-lhe eu, olha que já matei um tipo, e se não te pões fino ainda me faço ao 2.º!

mas ele ficava sentado no penico e ria-se de mim e dizia TARA BUBBA COME, BUBBA CAGA!

tive de desistir. mas seja como for nunca tive de esfregar o chão, a casa dele estava sempre molhada e esfregada. tínhamos a cela mais asseada dos Estados Unidos do mundo. e ele adorava a tal refeição extra à noite. oh se gostava.

o FBI chegou à conclusão de que eu estava inocente de faltar deliberadamente ao recrutamento e despacharam-me para o centro de recruta, despacharam uma série de prisioneiros para lá, e eu passei nos testes físicos e depois fiz uma visita ao psiquiatra.

acredita na guerra?, perguntou-me ele.

não.

está disposto a ir para a guerra?

sim.

(eu andava com a ideia maluca de sair de uma trincheira e avançar a direito contra os disparos até ser morto.)

o tipo ficou calado uma data de tempo a escrever numa folha. depois levantou o olhar.

a propósito, na noite da próxima quarta-feira vamos organizar uma festa de médicos, artistas e escritores. gostaria de o convidar. quer aparecer?

não.

pronto, disse ele, não tem de ir.

ir aonde?

para a guerra.

fiquei a olhar para ele.

achava que não íamos entender, não achava?

não.

entregue esta folha ao tipo que está na secretária a seguir.

foi uma longa caminhada. a folha ia dobrada e presa com um clipe ao meu cartão. levantei uma ponta e espreitei: «... esconde uma extrema sensibilidade por trás de um rosto impassível...» mas que vontade de rir, pensei eu, por amor de deus!: eu: sensível!!!

e lá se acabou a Moyamensing. e foi assim que eu venci a guerra.

## «Realismo sem artifícios, do padrinho da literatura marginal.» *Uncut*

**Com Bukowski, não há meio-termo: ou se ama ou se odeia.**

Estas histórias, inspiradas na própria vida do autor, são tão selvagens e inusitadas quanto as histórias dos seus romances. Bukowski foi uma lenda no seu tempo e um visionário para aqueles que se lhe seguiram. Louco, recluso, amante. Afável e mesquinho. Lúcido e insano. Sempre inesperado. As excepcionais *Histórias de loucura normal* vêm directas do âmago de uma vida, a que ele mesmo viveu, marcada pela violência e pela depravação. Histórias de liberdade, tão profanas quanto sagradas.

Da prostituição à música clássica, Bukowski traça neste livro um retrato irado, apesar de terno, bem-humorado e inquietante, da vida marginal de Los Angeles, uma realidade obscura e perigosa que emoldurou a vida de um dos maiores escritores de culto do século xx.

Histórias, afinal, da loucura que espreita dentro de cada um de nós, que faz do corpo uma marioneta e que não desaparece senão com a morte.




**«Um agitador profissional, representante da marginalidade de Los Angeles... Com uma insistência louca e romântica, Bukowski escreve que os falhados são menos falsos que os vencedores. E fá-lo com uma intensa compaixão pelas almas perdidas.»**

*Newsweek*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
penguinlivros  
alfaguaraeditora

ISBN 9789897846120



9 789897 846120 >